



Pe. Dr. Luís Costa nomeado Presidente Adjunto da Cáritas Diocesana de Coimbra

"Muito trabalho, muito profissionalismo, muito respeito"

O Pe. Dr. Luís Costa foi nomeado pelo Sr. D. Albino Cleto Presidente Adjunto da Cáritas Diocesana de Coimbra. O acto de posse decorreu na sede desta Instituição, no dia 14 de Outubro, numa cerimónia singela presidida pelo Senhor D. Albino, com a presença dos outros membros da Direcção, dos coordenadores das diversas valências da Cáritas e de alguns padres amigos que quiseram estar presentes.

Nas breves palavras que pronunciou, o novo Presidente Adjunto evocou a história do beija-flor - que incansavelmente faz a parte dele para apagar o fogo da floresta - como ilustração da sua vontade de trabalhar e da sua crença no projecto de trabalho da Cáritas Diocesana. Pediu a todos "profissionalismo na humanidade", na consciência de que "não trabalhamos só por nós, mas existimos para as pessoas". Neste contexto, e lembrando a história da Cáritas, a sua Missão e as pessoas mais directamente envolvidas (Direcção e funcionários), o Pe. Luís Costa resumiu a sua disposição e exigência num triplice enunciado: "muito trabalho, muito profissionalismo, muito respeito".

A terminar, manifestou a vontade de consagrar a sua vida "nesta casa" a Nª Senhora, pedindo a todos os presentes a adesão orante para esta sua atitude pessoal.

O Sr. Bispo, depois de apresentar sucintamente os motivos desta nomeação (que se prendem com as necessidades da organização pastoral global da Diocese) e de ter apresentado as qualidades por todos reconhecidas no novo Presidente Adjunto, lembrou o papel da Cáritas como uma resposta que parece tornar-se cada



Pe. Dr. Luís Costa, Presidente Adjunto da Cáritas Diocesana de Coimbra

vez mais actual e urgente, tanto por causa dos efeitos empobrecedores da "crise que estamos a atravessar", como pela fidelidade ao trabalho evangelizador da Igreja, em razão da qual o trabalho da Cáritas nunca poderá radicar "só no profissionalismo, mas terá que ser uma resposta que venha das raízes cristãs mais profundas".

O Pe. Aníbal Castelhan, Presidente da Direcção da Cáritas, expressou ao Pe. Luís Costa, logo no acolhimento, os maiores desejos de realização pessoal e manifestou toda a disponibilidade (dentro das contingências das novas tarefas pastorais assumidas) para um trabalho em estreita cooperação em ordem a que "a Cáritas possa ser mais Caritas" na Igreja Diocesana e no serviço à inteira humanidade.

Servir a Deus no homem

Alegro-me por receber em missão o cuidado da assistência ao homem que peregrina neste mundo e que anseia por uma mão que o eleve e outra que lhe aponte o caminho de um novo horizonte.

Alegro-me por todos os que me são confiados e a quem me confio, para um projecto comum, sempre mais longe e mais alto, porque quer ser projecto de Deus e para Deus.

Alegro-me por esta Diocese de Coimbra e pelo seu contributo à humanidade, principalmente através dos serviços e estruturas que servem, cuidam e dignificam os mais desamparados e desprotegidos. A alegria estende-se a partir da Cáritas a todas as Instituições, organismos e iniciativas que, por toda a Diocese, se empenham em dar a esta sociedade um rosto mais humano e mais fraterno.

Um pensamento muito especial para as terras da Beira, que me ajudaram a crescer e me ensinaram a linguagem do serviço e do amor ao homem deste mundo. Agora compreendo melhor que é pelo homem e para o homem que vale a pena viver e trabalhar, para a glória de Deus.

Confio a Maria, nossa Mãe e Senhora, esta nova etapa da minha vida e da vida desta Instituição, todos aqueles que nela são servidos ou colaboram, dispondo o coração a ser instrumento da vontade de Deus.

Que Deus nos ajude.

Pe. Luís Costa



Dia Mundial da Alimentação

Carta de Bento XVI ao Director da FAO (*)

A sua Excelência
Senhor Jacques Diouf
Director geral da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO)

O tema deste ano para o Dia Mundial da Alimentação: "A segurança alimentar mundial: os desafios das mudanças climáticas e bioenergia" permite reflectir sobre os avanços na luta contra a fome e os obstáculos que se põem à acção da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) diante dos novos desafios que ameaçam a vida da humanidade.

Este Dia é comemorado num momento particularmente difícil relativamente à situação nutricional mundial, quando a disponibilidade de alimentos parece insuficiente para as necessidades de consumo e as condições climáticas contribuem para colocar em risco a sobrevivência de milhões de homens, mulheres e crianças, forçadas a abandonar as suas terras para encontrar alimento. Esta situação implica que, com a FAO, todos possam dar uma resposta solidária, com acções livres de todo o tipo de condicionamentos e realmente ao serviço do bem comum.

A Conferência de Alto Nível, de Junho passado, foi uma ocasião para a FAO recordar à comunidade internacional as suas responsabilidades directas relativamente à insegurança alimentar num tempo em que as formas de ajuda básica para as situações de emergência correm o risco de se verem restringidas.

Na mensagem que enviei aos participantes eu afirmava a necessidade de adoptar "medidas corajosas, que não capitulem face à fome e à má-nutrição, como se se tratasse simplesmente de fenómenos endémicos e sem solução". (Mensagem à Conferência de Alto Nível sobre a Segurança Alimentar, 2 de Junho de 2008).

A primeira exigência é a de eliminar as causas que impedem um autêntico respeito pela dignidade da pessoa. Os meios e os recursos de que o mundo hoje dispõe podem fornecer uma alimentação suficiente para satisfazer as necessidades crescentes de todos. Os registos das culturas mais recentes mostram os primeiros resultados do esforço para aumentar os níveis globais de produção. Então, porque é que não é possível evitar que tantas pessoas sofram de fome até às suas consequências mais extremas?

São numerosas as causas desta situação em que frequentemente coexistem a abundância e a penúria. Podemos apontar a corrida consumista que não pára, apesar duma menor disponibilidade de alimentos, que impõe reduções forçadas à capacidade nutricional das regiões mais pobres do planeta, ou a falta de vontade para concluir negociações e refrear o egoísmo de Estados e de grupos de países, ou para terminar a "especulação desenfreada" que



afecta os mecanismos dos preços e do consumo. A falta de uma boa administração dos recursos alimentares causada pela corrupção na vida pública e os investimentos crescentes em armas e tecnologia militar sofisticada, em detrimento das necessidades primárias das pessoas, também desempenham um papel de relevo.

Estes motivos muito diversos encontram uma origem comum numa falsa concepção dos valores sobre os quais se deveriam basear as relações internacionais, em particular nesta atitude difusa na cultura contemporânea que privilegia somente a corrida aos bens materiais, esquecendo a verdadeira natureza da pessoa humana e as suas aspirações mais profundas. O resultado é, infelizmente, a incapacidade de muitos assumirem a responsabilidade pelas necessidades dos pobres, de os compreenderem e de negarem a sua dignidade inalienável.

Uma campanha eficaz contra a fome pede então mais que um simples estudo científico para fazer face às mudanças climáticas, ou o destinar da produção agrícola em primeiro lugar para uso alimentar. Torna-se necessário, antes de mais, redescobrir o sentido da pessoa humana, na sua dimensão individual e comunitária, depois do fundamento da vida familiar, fonte do amor e da afeição donde provém o sentido da solidariedade e da partilha. Este quadro corresponde à necessidade de construir relações entre os povos baseadas numa disponibilidade constante e autêntica, de tornar cada país capaz de satisfazer as necessidades das pessoas, mas também de transmitir a ideia de relações fundadas na troca recíproca do conhecimento, dos valores, da ajuda rápida e do respeito.

Trata-se dum compromisso a favor da promoção duma justiça social efectiva nas relações entre os povos,

que pede a cada um a consciência de que os bens da criação são destinados a todos e que na comunidade mundial a vida económica deve estar orientada para a partilha destes bens, para o seu uso duradouro e para a justa repartição dos benefícios que deles decorrem.

No contexto da mudança das relações internacionais, onde parecem crescer as incertezas e se entrevêem novos desafios, a experiência já adquirida pela FAO – com a das outras Instituições que operam na luta contra a fome – pode jogar um papel fundamental no sentido de promover uma maneira renovada de entender a cooperação internacional. Uma condição essencial para aumentar os níveis de produção, para garantir a identidade das comunidades indígenas, é também a paz e a segurança no mundo, é garantir o acesso à terra, favorecendo assim os trabalhadores agrícolas e promovendo os seus direitos.

Em todos estes esforços, a Igreja católica está próxima de todos vós, como testemunha a atenção com que a Santa Sé tem seguido a actividade da FAO desde 1948, e apoiado constantemente os vossos esforços, para que possa manter o compromisso com a causa do homem. Isto significa concretamente a abertura à vida, o respeito à ordem da Criação e a adesão aos princípios éticos que são desde sempre o fundamento da vida social.

Com esses desejos, invoco a Bênção do Altíssimo sobre vós, Senhor Director geral, assim como sobre todos os representantes das nações, para que possais trabalhar com generosidade e sentido de justiça para com as pessoas mais negligenciadas.

Vaticano, 13 de Outubro de 2008
Bento XVI

(*) - trad. Suplemento Movimento

Corpo refeito

Então, vamos!
Trocamos
sebastianismo por sebastianismo
- o do rei pelo do Gama comovido e mudo.

Ir é tudo quanto nos pode levar
ao sonho donde viemos.

Refazemos o corpo nas suas funções vitais:
alma no coração, cânticos nos lábios,
ternura nos dedos, pensamentos sábios!
e os olhos voltam a ser olhos para os demais...

Vamos!
Se houver muros, passaremos por cima;
se houver montanhas, passaremos de lado;
se forem rios... iremos a nado,
se mares..., construiremos barcos.
Mas nada nos vai obrigar a ficar aqui.

Vamos. Cada um com seu timão - o que reza,
o que abraça
e o que distribui o pão -
todos fixos muito além,
somando esforços no mesmo sentido. (C. J.)

Centros da Pampilhosa da Serra peregrinaram até Fátima

No dia 2 de Outubro realizou-se um passeio/peregrinação a Fátima com os Idosos dos Centros da Cáritas no concelho da Pampilhosa da Serra (Vidual, Unhais-o-Velho, Malhadado Rei, Janeiro de Baixo, Esteiro e Amoreira). Este passeio estava integrado no plano de actividades dos centros e contou com a colaboração da Câmara Municipal, que cedeu o transporte.

Chegados a Fátima, para além das devoções particulares, houve oportunidade para visitar a Igreja da Santíssima Trindade, comprar e acender velas..., comprar lembranças... Ao meio-dia rezámos o terço na Capelinha das Aparições, seguido da Eucaristia.

O almoço foi servido na Casa da Sr.ª do Carmo, num ambiente acolhedor e repousante. À tarde,

antes do regresso, visitámos ainda com bastante interesse o novo Museu da cera sobre a "Vida de Cristo".

Os utentes avaliaram muito positivamente este dia, nomeadamente o tempo livre disponível, as condições oferecidas na Casa da S.ª do Carmo (com cadeiras disponíveis para descansar) e sobretudo a visita ao museu, onde assistiram comodamente às passagens da vida de Cristo, desde o Nascimento ao Calvário, referindo a qualidade artística de todas as cenas representadas.

Como responsável técnica, agradeço a todos a boa disposição e espírito de colaboração: aos funcionários, aos utentes, ao Sr. motorista e às pessoas que nos acolheram, o meu muito obrigada.

Rute.



Creches e Jardins na Feira dos "Espantalhos contadores de histórias"

A V Exposição de Espantalhos promovida pelo Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, decorreu no sábado, dia dezoito de Outubro, na Praça Velha, em Coimbra.

As Creches e Jardins de Infância da Cáritas participaram, mais uma vez, nesta iniciativa lúdica proporcionando a interligação entre os vários elementos da comunidade educativa.

Os espantalhos contadores de histórias trouxeram para a rua o colorido dos sonhos e da palavra, que a todos relembra a infância e os valores humanos e culturais a preservar.

O trabalho apresentado insere-se no Projecto Educativo da Instituição. A través de uma acção integradora e globalizante, trabalhamos a multiculturalidade, num percurso que propõe a criação de oportunidades educativas e pretende promover atitudes construtivas em relação à diversidade de saberes.

Lena Paula



Espantalho "Aurora" com sua "Aurora Pequena"

10 milhões de estrelas para os Pigmeus de Mongoumba

A Cáritas Portuguesa volta a realizar neste Natal, pelo 6º ano consecutivo, a Campanha 10 Milhões de Estrelas. Como é sabido, é uma campanha com origem em França, há alguns anos, e que foi sendo progressivamente assumida por diferentes Cáritas. Tem uma dupla finalidade: dar, em tempo de Natal, um sinal visível de atenção à Paz e, ao mesmo tempo, fazer reverter o dinheiro proveniente da venda de uma vela para uma causa de necessidade internacional.

Tendo em atenção que estamos a viver na Europa um ano dedicado ao "diálogo intercultural e à aceitação da diferença", a Cáritas Portuguesa orienta o produto desta campanha para "promover a integração dos Pigmeus de Mongoumba, população minoritária da república Centro Africana", particularmente nas áreas da educação e da saúde.

No dia 13 de Dezembro muitas dioceses farão uma manifestação pública a propósito desta campanha, acendendo Fotoforos nas ruas/praçãs e promovendo espectáculos.

Também a cadeia de hipermercados Continente se associa, tendo permitido a venda de velas nalguns dos seus Centros. Igualmente a Liga Portuguesa de Futebol, que já o ano passado se associou à iniciativa, dará especial relevo à



mesma nos dois campeonatos principais na 12ª Jornada (que anda à volta do fim-de-semana de 21 de Dezembro).

A Cáritas de Coimbra associa-se à iniciativa nos termos dos anos anteriores, servindo de mediação entre a Cáritas Portuguesa e as Paróquias, na distribuição das velas e entrega dos respectivos fundos para esta causa dos pigmeus.

Erradicar a Pobreza

Mensagem do Presidente da Cáritas Portuguesa

No 17 de Outubro, assinala-se o Dia Internacional da Erradicação da Pobreza.

Em todo o mundo, tanto quanto as estatísticas são fiáveis, há uma multidão de mais de 800 milhões de pessoas que, todas as noites, adormecem com fome. Nem podemos dizer que vão para a cama, ou que vão para casa, pois grande parte deste exército de amaldiçoados da sorte nem isso tem.

Os dias, para os mais pobres dos pobres no mundo actual, são um rosário de desgraças. Nada têm, nada possuem e não encontram o mínimo vislumbre de poderem alterar o rumo das suas vidas.

Num mundo onde há tanta ostentação escandalosa de riqueza, onde alguns desbaratam milhões num exercício de vaidade tantas vezes inqualificável, tantos outros não conseguem apenas o mínimo para sobreviver. E o mínimo é alimentação suficiente, habitação digna, trabalho honrado.

Perante um mundo repleto de uma assimetria tão injusta, todos os que se revêem no Evangelho de Jesus Cristo e na Declaração dos Direitos Humanos não podem ficar de braços cruzados. Simplesmente não podem. Agir é um imperativo.

No Dia Internacional da Erradicação da Pobreza, é preciso que se recorde que essa pobreza não é uma fatalidade, que há recursos económicos - nalguns países, até são excedentários, que há soluções. O que falta, na verdade, é colocar a questão da pobreza no topo da agenda política, no topo das nossas consciências.

Que fazer? Agir. Cada um, no seu metro quadrado de influência pode ajudar a mudar o mundo. Dando a mão ao sem-abrigo que pernoita na rua onde moramos, ajudando instituições que se voluntariam para corrigir estas assimetrias, dando o nosso contributo na Imprensa, formatando opinião, fazendo eco da urgência de se construir um mundo melhor. No mínimo, "olhar com coração" para quem vive pobre, vencendo preconceitos que estigmatizam, como o de culpar, exclusivamente, o pobre pela situação em que se encontra. Erradicar a pobreza é, de facto, uma questão urgente.

Cada dia que passa, há milhões de pessoas que se afundam no beco sem sentido em que caíram as suas vidas. Para todos eles, para cada um deles, não se pode esperar mais. Quem nada possui, quem nada pode oferecer aos seus filhos, precisa de uma resposta, precisa que alguma coisa seja construída com urgência. Esta é uma responsabilidade cívica a que nenhum homem e nenhuma mulher de boa vontade podem fugir.

A actual crise económica em que o mundo está mergulhado veio evidenciar o que há muito já se sabia que a economia, para estar, como lhe compete, unicamente ao serviço da pessoa humana, não se pode deixar de se orientar por imperativos éticos e tem que estar subordinada às exigências da recta política. É preciso agir política e socialmente. E que ninguém diga que a responsabilidade é dos outros.

O mundo é um lugar pequeno demais para excluirmos a nossa responsabilidade. Num tempo imoral, num mundo carregado de sombras, é preciso agir com boa-vontade. Saber dar da mão, saber escutar o outro, saber agir. É chegado o tempo de passar à acção.

Enquanto houver um pobre ou um excluído, somos responsáveis por ele e somos chamados, todos, a responder perante o tribunal da consciência. Não fazer nada de útil é o mesmo que agir dolosamente contra quem carece da nossa solidariedade.

A Cáritas lança hoje um apelo em nome da vida. Vamos mudar as nossas consciências, vamos sair da carapaça da nossa indiferença, vamos mudar o mundo.

Temos o exemplo de Alguém que nunca se vergou nem sequer perante a ameaça da morte. Dizemo-nos cristãos? Temos de agir como Cristo. Não há outro caminho.

Eugénio Fonseca

Funcionárias do Centro de Dia da Sarnadela concluem RVCC com aproveitamento



Em serviço de Higiene Pessoal - Apoio Domiciliário

Seis das sete funcionárias do Centro de Dia da Sarnadela concluíram com aproveitamento o processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), do nível básico (correspondente ao 9º ano), promovido pela Cáritas Diocesana de Coimbra e pelo Centro de Novas Oportunidades de Arganil, de Abril a Outubro de 2008. A funcionária que não frequentou esta acção já tinha o 9º ano.

As aprendizagens obtidas ao longo da vida, quer pessoal quer profissionalmente, serviram de base aos trabalhos finais apresentados.

Estão também em processo de conclusão do RVCC Básico as equipas de S. Martinho da Cortiça, S. Paio de Gramaçães e Nogueira do Cravo, a quem desejamos desde já boa sorte.

Pausa

Um congresso

A Comissão Episcopal da Pastoral Social quis assinalar a XXV Semana Nacional de Pastoral Social com a realização de um Congresso da Pastoral Social, sob a designação "Intervir na sociedade, hoje! - memória e projecto", que decorreu em Fátima de 9 a 11 de Setembro.

A ideia era generosa, e penso que até seria extremamente útil, se aquela Assembleia fosse o desembocar de uma caminhada de uns três ou quatro anos de preparação intensa, com documentos preparatórios, discussões internas, foruns por sectores, votações em que se perde e ganha, etc., e vontade assumida de fazer avançar as decisões "congressadas" para a frente. Agora..., uma reunião de 3 dias, em que nem há "conclusões", nem uma votação, nem dados novos, nem uma avaliação sobre qualquer orientação ou realização do passado, nem uma voz alternativa, nem sequer uma orientação de fundo que seja suficientemente clara..., que Congresso é este afinal?! Não são os títulos pomposos que tornam as obras de arte dignas do registo dos séculos, e este Congresso corre o risco de ter ficado sem memória e sem projecto. E quanto precisávamos... de memória... e de projecto!

NEVES

Cáritas 2008

Acolhe a diversidade - abre portas à igualdade

Cáritas de Coimbra

Suplemento Movimento - nº 358

Suplemento do Correio de Coimbra, com a colaboração da Cáritas Diocesana, de informação, formação, estudo da caridade, denúncia profética, iniciativa e diálogo.

Quantas dores de parto ainda por sofrer...

Já saiu o caderno de "Temas de Reflexão" para os Grupos Sociocaritativos para 2008-2009, este ano privilegiando algumas ideias a partir de S. Paulo. Quer como sensibilização, quer como desafio a uma crítica mais alargada que os próprios Grupos, deixamos aqui um dos temas inseridos neste caderno, sobre a esperança, a partir de Rom. 8, 18-39.

A esperança é uma virtude teologal diferente da "espera", da "expectativa" ou da "ilusão de controlo do futuro". Se joguei no euromilhões, fico à espera que o sorteio se realize. A não ser que haja uma alteração repentina e contra todo o sistema (tipo início de uma guerra na Europa com uma bomba atómica!!!), eu sei que o sorteio se vai realizar no dia e hora precisa. A espera é apenas uma questão de ordem e de relógio. Ainda no mesmo sorteio, com mais ou menos entusiasmo, eu fico na expectativa de saber que números saem... para conferir a minha chave. Eventualmente posso até ser possuído de alguma "ilusão de controlo": pôr uma "fezada" tal na saída do nº 14, que me convenço que ele vai mesmo sair pela força da minha "fé"!!! Tudo isto e muito mais pode ocorrer comigo, quando jogo no euromilhões. **Mas que eu tenha esperança, esperança mesmo, de que o 1º prémio me vai sair, isso é que eu não tenho!**

A esperança faz parte de outra ordem de ideias. Faz parte das virtudes teologais. A esperança é a certeza de uma realidade que havemos de viver, certeza esta que não nos vem de a vermos ou conhecermos fisicamente, mas da **garantia que nos é dada por alguém**, alguém esse que: - é capaz (tem poder) de realizar essa realidade; - já deu provas de que podemos acreditar nele; - e nos ama tanto, que não pode deixar de fazer tudo o que seja útil para nosso bem.

Vamos lá: quando dois noivos resolvem casar, aí sim, podemos já falar de esperança. Eles dizem um ao outro um "sim" fundamentado na esperança: estão certos de virem a ser uma família feliz, porque percebem que o noivo/noiva tem esse poder de criar felicidade, durante o namoro já receberam sinais dessa felicidade possível e acreditam que o noivo/noiva os ama tanto que vai fazer tudo o que lhe for possível para criar a sua felicidade.

Claro que, estatisticamente, a gente sabe que muitos casamentos acabam em fracasso. Mas isso é depois de alguns anos que a gente sabe! Antes, se o casamento é verdadeiro, se o "sim" é honesto", podemos dizer que o casamento ainda vive mais da esperança do que do amor ou do acreditar no outro. De facto, não se "acredita" no amor que outro nos tem; constata-se! Assim como constatamos que somos amados por muitas outras pessoas: pais, irmãos, amigos... Mas só com uma pessoa comprometemos todo o nosso futuro, porque com ela não apostamos só com base no amor, mas sobretudo com base na esperança! Talvez até se possa dizer que muitos casamentos acabam não quando

morre o amor entre os esposos, mas quando morre a esperança num deles. Porque a morte da esperança é a morte do futuro, da possibilidade de amanhã sermos mais felizes!

Este exemplo do casamento permite-nos também perceber que a esperança é uma virtude activa, isto é, não depende só de "Alguém" exterior, mas implica também a vontade própria, a colaboração de cada um, a obediência pessoal a um conjunto de exigências. Assim, por exemplo, no casamento, são fundamentais a fidelidade ou a colaboração no trabalho doméstico de cada um... (...) Como posso ter esperança num casamento feliz se hoje, como namorado, não dou sinais de felicidade?! (...)

Por outras palavras, sabemos que o futuro feliz não depende só nem fundamentalmente de nós, mas temos a certeza de o vir a viver, porque acreditamos que as pessoas que o constroem nos amam, e trabalhamos também nós próprios para o construir.

Demos agora um passo mais: a dinâmica da esperança é fundamental na nossa vida, é condição da nossa felicidade. Mas aonde acaba esse futuro que vivemos na esperança? De que futuro falamos? Da vida ou da morte?! Dizemos que é da vida, pois com certeza. Mas qual é o futuro último da vida senão a morte?! Enquanto respiramos bem, enquanto sentimos força, enquanto andamos entretidos com as coisas da rotina, podemos mais ou menos colocar o futuro na nossa própria sobrevivência no dia a dia ou na felicidade dos filhos... Mas isso não apaga a morte. Inexoravelmente, caminhamos para ela! E aqui a resposta das religiões, nomeadamente das religiões que prometem uma outra vida para lá da morte, torna-se algo completamente distintivo. Porque se há de facto outra vida depois desta, então a esperança será sempre esperança total; se não há outra vida depois desta, a esperança fica só um bocadinho dela, projecta-se só num futuro muito limitado, torna-se, resumidamente, expectativa, o que, recordando o exemplo do euromilhões, é uma coisa muito diferente, mesmo muito diferente!

De certo modo, a esperança é o maior contributo que as religiões trouxeram à humanidade e que, hoje e sempre, poderão continuar a dar à humanidade: a garantia de que Deus nos ama, de que ele já nos deu sinais concretos deste amor, de que ele tem poder efectivo de realizar a promessa de felicidade total a que todo o homem anseia e a garantia de que com Ele o futuro é futuro total e não só o futuro de alguns poucos anos de vida terrena. O cristianismo, em concreto - podemos mesmo dizer sem medo que mais do que todas as outras religiões - abre-se para esta esperança total.

Chegámos, assim, ao texto de S. Paulo. Constatamos que o tempo presente ainda não é esse futuro prometido, esse futuro de felicidade por que ansiamos. No presente, gememos, com toda a criação, as dores de parto desse futuro. Gememos as dores do parto da criação, quer a nível individual, porque vivemos situações de limitação e pecado (orgulho, egoísmo, ignorância, sofrimento físico e moral, conflitos com as pessoas que nos são próximas, desemprego, pobreza, etc...) e a nível global: doenças devastadoras, como a SIDA; poluição imensa; mais de metade do mundo em extrema pobreza; guerras absurdas; poderes ditatoriais que promovem a injustiça em massa e repressivamente; perseguições de nações inteiras em razão da mera etnia... Enfim, quantas dores de parto ainda sofre a criação para um amanhã de mais felicidade...

Mas esse amanhã de felicidade é possível? S. Paulo responde que está absolutamente convencido de que sim. Fundamenta esta sua convicção no sinal de amor dado por Deus: "*Ele nem sequer poupou o Seu próprio Filho, mas entregou-O por nós*". Se Ele deu o Filho, também dará as outras coisas de que precisamos e que são bem mais pequenas do que o Filho! Ainda mais: agora é o próprio Filho quem intercede por nós. Garantidamente, nada, nada de nada, pode separar-nos do amor de Deus.

Nós não possuímos ainda essa "glória futura", mas é Deus que é a sua garantia; não um Deus qualquer, mas um Deus que nos ama de modo absoluto e eterno. Gemidas todas as dores, de uma coisa podemos ter a certeza: havemos de possuir a sua Glória. É dessa Esperança que vivemos. Hoje, pouco de nós percebemos. Se não fosse o próprio Espírito de Deus a abrir-nos a mente e o coração, tudo nos seria dor e absurdo. Mas não é. Pelo contrário: sofremos, mas é dor de parto, isto é, dor de vida, dor de nascimento de uma nova realidade; Não compreendemos os caminhos do presente, mas caminhamo-los com paciência e serenidade, pois sabemos o lugar aonde eles conduzem: à Glória Eterna de Deus. O tempo que vivemos hoje, nas nossas terras, nas nossas vidas concretas, com a família concreta que temos, com as nossas doenças e achesques, tudo isso, à luz deste futuro prometido e garantido pelo amor de Deus em Jesus Cristo, torna-se vida e caminhar sereno; é já um viver "salvo". Pesem as aparências, o cristão vive salvo: salvo na esperança. Assim o sintetiza, de facto, S. Paulo: "*foi na esperança que fomos salvos*"! (...)

A garantia dessa Esperança é que Deus nunca falha. E se eu falhar, a Promessa de felicidade mantém-se mesmo assim totalmente, porque o amor de Deus inclui o perdão! Na esperança, estamos salvos. Fora da esperança caminhamos para a perdição, porque recusa a esperança quem recusa reconhecer-se amado infinitamente por Deus.

□